

A representação da cidade de São Paulo no filme Ensaio sobre a cegueira: distopia, não-cidade ou cidade global?

Paper Template for Revista Iniciação: The representation of the city of São Paulo in the film Blindness: dystopia, non-city or global city?

Daniela Ciarvi Martins, Prof Ms. Ralf José Castanheira Flôres.

Centro Universitário SENAC

Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo

{danielaciarvi@gmail.com, ralfjcf@sp.senac.br}

Resumo. Esse artigo analisa as relações entre cidade, cinema, sociedade, arquitetura, espaço e os conceitos de distopia, cidade global e não-cidade, tendo como estudo de caso a cidade de São Paulo e seu uso no filme "Ensaio sobre a cegueira", de Fernando Meirelles.

Palavras-chave: cidade, São Paulo, cinema, arquitetura, cidade cenográfica, representações, distopia, cidade global.

Abstract. *This paper analyzes the relations between the city, cinema, society, architecture, space and the concepts of dystopia, global city and non-city, using as an example the city of Sao Paulo and its use on the film "Blindness", by Fernando Meirelles.*

Key words: *city, Sao Paulo, films, architecture, scenography city, representations, dystopia, global city.*

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística.

Edição Temática: Comunicação, Arquitetura e Design

Vol. 5 no 1 – Junho de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac.

ISSN 2179-474X

© 2015 todos os direitos reservados - reprodução total ou parcial permitida, desde que citada a fonte.

Portal Revista Iniciação: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>

E-mail: revistaic@sp.senac.br

1. Introdução

A representação da cidade de São Paulo no filme “Ensaio sobre a cegueira” é objeto de discussão e reflexão devido a forma como essa construção é feita, de uma cidade sem nome e identidade, características típicas das grandes cidades atuais.

A partir disto, referências em imagem, literatura e cinema foram buscadas de forma a exemplificar e ampliar a pesquisa. E foi através dessas referências, que os conceitos de distopia, não-cidade e cidade global foram abordados também.

O presente artigo mostra esse processo de um ano que utilizou-se tanto de pesquisa teórica quanto virtual e a posterior análise e cruzamento dos dados levantados.

2. Imagem, representação, cinema e cidade

A fotografia, criada por Niépce em 1826, é uma forma de representação da realidade e do cotidiano, podendo ser usada no jornalismo, na história e na arte. Na primeira fotografia, ele registrou a paisagem de onde vivia através da janela de seu quarto, revelando assim a relação entre a imagem fotográfica e a cidade, conforme afirmam **SOUZA & ANGELO** (2008).

Cinquenta anos depois, a fotografia transformou-se e passou a ter movimento, com a criação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière em 1895, registrando o panorama urbano e assim surgiu o cinema. Uma forma de se ver e conhecer o mundo mesmo estando em algum lugar distante, através da criação da identidade visual dos lugares.

Desde então, conforme **ROCCA** (2012), cinema e cidade estabeleceram uma relação mútua, onde a primeira testemunhou, registrou e discutiu o desenvolvimento das cidades e suas transformações. Mostrando-se como um espelho da sociedade e criando imagens e ideias sobre determinados lugares, podendo inclusive manipular e influenciar.

A imagem da cidade também pode ser construída através de outros meios além do cinema e da fotografia e um deles é a literatura. Através de descrições inseridas nos textos, é possível criar uma cidade, que pode ser imaginada e pensada de formas diferentes de acordo com o leitor, sendo assim uma forma tão subjetiva quanto às outras na criação dessa identidade.

A imagem, a representação, a fotografia e o cinema estão diretamente ligados à cidade e ao cotidiano, ao urbano e a metrópole moderna. Podendo assim, a última ser também uma personagem e não apenas um cenário ou locação, como ocorre em nosso objeto de estudo, o livro “Ensaio sobre a cegueira” de **José Saramago** e a adaptação cinematográfica de **Fernando Meirelles**.

3. Distopia, cidade global e não-lugar

A utopia é um conceito filosófico que representa um ideal, tanto de passado, quanto presente e futuro e as relações existentes entre os três. Conforme **CLAEYS** (2013), definir o conceito de utopia é algo difícil, pois abrange tanto os ideais de sociedade, quanto o oposto desses ideais, que são as distopias ou antiutopias e também abrange fantasias, lugares sagrados e outros.

O conceito de distopia, derivado da utopia, surgiu na literatura no final do século XIX. Em contrapartida ao movimento socialista que crescia mundialmente. Embora a distopia possa não só envolver aspectos políticos, os regimes totalitários fascistas e socialistas tiveram grande influência. As distopias podem abranger o caos, a superpopulação, a pobreza, a fome, doenças e guerra.

As distopias contemporâneas tratam de um futuro apocalipse, as mais famosas são "Admirável Mundo Novo" (1932), de **Aldous Huxley** e "1984" (1949), de **George Orwell**, que retratavam os problemas da modernidade.

Distopias famosas no cinema incluem "Laranja Mecânica" (1971), dirigido por **Stanley Kubrick**, e adaptado do livro de 1962 de **Anthony Burgess**, que retrata a violência, o colapso do núcleo familiar e a desintegração moral e "Blade Runner" (1982), de **Ridley Scott** que retrata a decadência urbana futurista.

Já o conceito de cidade global, segundo **CARVALHO** (2000), surgiu com a globalização da economia, inicialmente nos países desenvolvidos, a partir dos anos 70. O aumento do setor terciário, financeiro e das comunicações e empresas transnacionais, fez com que o capital não ficasse mais retido em um único lugar e que as metrópoles tivessem novas posições no mundo capitalista financeiro. A partir dos anos 90, as cidades dos países subdesenvolvidos que passassem pelo processo de globalização seriam consideradas cidades globais.

Inserida nesse contexto, a cidade global pode ser um lugar sem identidade, sem características exclusivas. Tanto no livro de **José Saramago** quanto no filme de **Fernando Meirelles** nem a cidade e nem as pessoas possuem nome. Elas são descritas pelas suas características étnicas e específicas (a mistura de povos diferentes também faz parte da cidade global). Essa cidade pode ser qualquer uma, em qualquer lugar do mundo, assim como as pessoas que nela vivem.

Aliado ao conceito de cidade global está o de não-lugar. O não-lugar, conforme **AUGÉ** (1994), é um local sem identidade, é ao mesmo tempo a contradição de todas as culturas em uma única cultura mundial, de todas as arquiteturas em uma arquitetura mundial.

O não-lugar traz, também, às pessoas da metrópole moderna o anonimato, a perda da identidade individual, através dos tantos números que acompanham o dia-a-dia, como os do cartão do banco e da passagem de trem. O que se conecta diretamente com o filme, visto que nele nem as pessoas e nem a cidade possuem nomes. Porém, esse anonimato pode ser visto como algo bom, como uma forma de liberdade.

A partir desses conceitos, é possível ter uma base para então analisar como estes se aplicam aos objetos de estudo, tanto o filme, como a cidade de São Paulo inserida naquele. O que é feito mais adiante ao longo do artigo.

4. A cidade sem nome de "Ensaio sobre a cegueira"

O livro "Ensaio sobre a cegueira" de **José Saramago** foi lançado em 1995 e a adaptação cinematográfica de **Fernando Meirelles**, em 2008, e ambos tratam epidemia de cegueira que se alastrou de forma desastrosa.

A história começa com um homem em uma metrópole qualquer, que é retratada no filme com cenas da Avenida Faria Lima, dentro de um carro, que repentinamente fica cego. Ele recebe ajuda de outro homem que estava passando na rua nesse momento, que o acompanha até em casa, mas que na verdade é apenas um ladrão que se aproveita da situação para roubar seu carro. Depois, em sua casa, o primeiro homem vai com sua mulher ao oftalmologista, e lá descobre que não há nenhuma explicação

para sua cegueira. No dia seguinte, todas as pessoas com quem o primeiro homem teve contato, ficam cegas.

O governo, temendo uma epidemia, isola os cegos em um antigo hospício. Ali dentro, um grupo se forma: o primeiro homem cego e sua mulher, o ladrão, a mulher com os óculos escuros, o homem do tapa olho preto, o menino, o médico e a mulher do médico, esta a única que não está cega mas fingiu estar para poder estar junto ao marido. Conforme a cegueira infecta mais e mais pessoas, o hospício passa a se tornar pequeno e a comida escassa, assim iniciam-se disputas por ela, que incluem mortes, brigas, violência e abusos sexuais.

Em meio a essa situação que se torna cada vez mais degradante, uma das cegas inicia um incêndio no local, e assim todos os cegos confinados saem do hospício, incluindo o grupo, que se depara com uma cidade completamente diferente da que existia antes da exclusão. Não há mais guardas vigiando a entrada e a saída, então eles saem andando a procura de suas respectivas casas.

São usadas no filme como locação imagens da marginal do rio Pinheiros, da ponte Otávio Frias de Oliveira (ponte estaiada), a Vila Boim, o Elevado Costa e Silva (minhocão), o Viaduto do Chá e a praça Ramos de Azevedo para retratar o estado em que se encontra a cidade. Nessas cenas, pequenos grupos de cegos caminham atrás de comida, há muita sujeira e excrementos no chão. A cidade fede e aparentemente não há mais uma ordem.

Depois de muito caminharem e lutarem para sobreviver, tanto no meio dos outros cegos quanto atrás de comida, todos se encaminham à casa do médico e sua mulher, onde passam a viver em família. Até que um dia de manhã, o primeiro cego recupera sua visão de forma repentina e inexplicável. Esse fato gera a esperança em todos de que em breve recuperariam a visão também.

Logo após o ocorrido, a mulher do médico vai até a varanda de sua casa e olha para cima, em um momento em que o céu parece ficar branco e que ela perderia sua visão também. No entanto, assim que ela abaixa o olhar, vê os edifícios da cidade à sua frente.



Figura 1. Cena do filme "Ensaio sobre a cegueira", que ilustra a cidade após o isolamento dos cegos. Ao fundo o Shopping Light em São Paulo.



Figura 2. Cena do filme "Ensaio sobre e cegueira", que se passa embaixo do Elevado Costa e Silva, em São Paulo.

As figuras retratadas foram retiradas do filme "Ensaio sobre a cegueira" e foram usadas para retratar a cidade pós-isolamento do primeiro grupo de cegos. Mostram uma cidade suja, com sacos de lixo jogados na calçada, eletrodomésticos abandonados e pequenos grupos de cegos perambulando em busca de comida.

Na obra de **Saramago** (1995), essa mesma parte da cidade pós-isolamento dos cegos é descrita como ruas desertas com lixo por toda parte e excrementos alastrados na calçada.

A cidade descrita tanto no livro quanto no filme não tem nome, não tem uma marca, não tem uma relação com a história, não tem identidade. Esse tema tem sido abordado no cinema contemporâneo de forma semelhante, em que cenas de diversas metrópoles são usadas para compor a imagem de uma qualquer, como nos filmes "Blade Runner" (1982), de **Ridley Scott** e "Her" (2013), de **Spike Jonze**.

No caso de "Ensaio sobre a cegueira", além de ser uma cidade distópica, pois mostra uma sociedade caótica, sem ordem e sem leis, trata-se de uma cidade global, podendo ser em qualquer lugar do mundo e um não-lugar, pois não há características específicas desse ambiente e nem uma identidade.

A imagem da cidade criada no filme é, de início, de uma metrópole globalizada com os problemas típicos de grandes cidades, como o tráfego intenso de carros, motos e pessoas, onde ainda há uma ordem. Com a epidemia da cegueira, essa cidade se transforma, e é revelada aos poucos ao observador, conforme figura 3.



Figura 3. Cena do filme "Ensaio sobre a cegueira", mostra o grupo de cegos chegando à cidade.

Nessa imagem, é possível ver os edifícios espelhados ou de vidro com alto gabarito, denominados "high-tech" ao fundo, que simbolizam essa cidade globalizada, moderna

e tecnológica. A ponte também faz parte dessa composição globalizada de cidade. Não há nada de caráter identitário ali, mostra uma cultura e arquitetura universal. Trata-se de uma importante fase de transição do filme, entre o isolamento dos cegos e a cidade "lá fora". Nesse plano, a cidade parece ser ainda organizada e ordenada. Para compor esse cenário, foram usadas de locação a marginal do rio Pinheiros, a Ponte Octávio Frias de Oliveira e os edifícios da avenida.

5. A cidade de São Paulo inserida no filme "Ensaio sobre a cegueira"

Diversos pontos da cidade de São Paulo foram usados como locação para o filme "Ensaio sobre a cegueira". Muitos desses pontos estão localizados em locais importantes e com edifícios imponentes, como o centro desta, e a Avenida Nações Unidas (marginal do rio Pinheiros). Entretanto, apesar de sua localização, são edifícios que compõem um cenário sem identidade, em que é impossível, com apenas um enquadramento, descobrir de qual cidade no mundo se trata.



Figura 4. Cena do filme "Ensaio sobre a cegueira". Cruzamento entre as Avenidas Brigadeiro Faria Lima e Presidente Juscelino Kubitschek.



Figura 5. Cena do filme "Ensaio sobre a cegueira". Elevado Costa e Silva.

As imagens ilustram cenas em que a cidade de São Paulo foi usada como cenário para a cidade do filme. São locais de grande relevância, tanto econômica como histórica, porém, através desses enquadramentos perdem suas identidades (Ver Anexo).

A figura 4 mostra o tráfego intenso entre carros, pedestres e motocicletas no cruzamento entre duas grandes avenidas. A intenção ali, era de retratar uma cidade

globalizada, populosa, caótica, mas com uma aparente ordem, antes da epidemia de cegueira.

Já a figura 5, também mostra um símbolo importante da cidade, o Elevado Costa e Silva, porém visto sob essa perspectiva assemelha-se com uma avenida qualquer, com edifícios sem qualquer relação identitária. São usados aqui, para retratar uma cidade grande, porém deteriorada, suja e caótica, com carros abandonados ao longo da via, e pessoas vivendo como animais, após o alastramento da cegueira.

Por se tratar de uma cidade grande e com tantas diversidades, desde estilo de edifícios à desenho de vias, São Paulo pôde ser usada de cenário para diversos tipos de situações, podendo ser uma cidade "high-tech", uma cidade globalizada, uma cidade moderna, uma cidade caótica, uma cidade suja, uma cidade histórica e tantas outras.

6. Conclusão

Com a globalização e a ascensão de uma cultura universal, as metrópoles ao redor do mundo se transformaram em cidades parecidas, sem uma identidade ou uma relação histórica marcante. Apesar de possuírem ícones, é possível pegar trechos delas para criar uma outra e essas cidades utilizadas são denominadas cidades-globais e não-lugares.

Elas passaram a ser retratadas cada vez mais no cinema, na fotografia e na literatura, como um reflexo da sociedade atual, ilustrando o anonimato, o caos do grande fluxo de pessoas, carros, informações e a velocidade com o que tudo acontece na vida cotidiana. Muitas vezes, são análises críticas e/ou satíricas, que são enquadradas como distopias ou antiutopias.

Tanto o livro de **Saramago**, quanto o filme de **Fernando Meirelles**, são definidos como distopias, por mostrarem essa cidade e sociedade conflituosa, sem identidade, sem nome, e sem qualquer relação histórica ou característica específica.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3 ed. França: Ed. Papyrus, 1994.

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. São Paulo: Ed. Aleph, 2004 – 193 p.

CARVALHO, Mônica de. **Cidade global: anotações críticas sobre um conceito**. São Paulo, v.14, n.4, Outubro de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400008&lng=en&nrm=iso>.

CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia**. São Paulo: Edições SESC, 2013 – 224 p.

GOMES, Renato Cordeiro. **Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna?** Revista Alceu, v.I, n. I. Rio de Janeiro, jul/dez, 2000.

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 5 nº 1 - Junho de 2015
Edição Temática: Comunicação, Arquitetura e Design

HOLLANDA, Carolina de. **A fotografia como instrumento de observação urbana: uma questão convergente em pesquisa sobre as cidades.** Artigo publicado em: *VIRUS*, São Carlos, n. 7, julho de 2012. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus07?sec=4&item=2&lang=pt>> .

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo.** Porto Alegre: Ed. Globo, 2009 - 398 p.

JONZE, Spike. **Her.** EUA. Annapurna Pictures e Warner Bros. Pictures, 2013. 126 min.

KUBRICK, Stanley. **A Clockwork Orange.** Reino Unido. Hawk Films e Columbia-Warner Distributors, 1971. 136 min.

MARTINS, Marina Cañas. **O cinema como representação da paisagem: reflexões sobre novas possibilidades de pesquisa.** Artigo publicado em: XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Porto Alegre, outubro de 2012.

MEIRELLES, Fernando. **Ensaio sobre a cegueira.** Brasil, Canadá e Japão. Miramax Films e Focus Features, 2008. 121 min.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Ed. Nacional, 2005 - 326 p.

ROCCA, Fabio La. **A visão da paisagem no cinema: entre sonho e imaginário.** Artigo publicado em: Encontros de paisagens. Braga, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre cegueira.** Ed. Caminho. 312 págs. Portugal, 1995.

SCOTT, Ridley. **Blade Runner.** EUA. The Ladd Company, Tandem Productions, Sir Run Run Shaw e Warner Bros, 1982. 117 min.

SOUZA, Lilian Andreza dos Santos; ANGELO, Roberto Berton de. **Cidades (in)visíveis: imagens, caminhos, fotografias e representações.** Artigo publicado em: *Discursos fotográficos*, v. 4, n.5, p. 159-178. Londrina, jul. - dez./ 2008

WENDERS, Wim. **A paisagem urbana.** La Verité des images. Paris, 1992.

Recebido em 27/02/2015 e Aceito em 06/05/15.